Waldomiro Yoshida

UM

Nasce um Líder Mundial

Prefácio

As escolas nos ensinam 10% de tudo que sabemos depois de adulto formado, pessoas com mais de 50 anos. Os 90% restante de todo o nosso conhecimento vem com a vida, vivendo.

Todo mundo aprende aos pouquinhos, raríssimas pessoas são iluminadas e sabem de muita coisa, ainda jovem, alcunhados de superdotados.

A cabeça do ser humano ainda é muito sensível e com o tempo, muita coisa cai no esquecimento, doenças desgraçam a nossa memória, além da teimosia e nossa preferência por comodidade que deturpam nosso aprendizado, às vezes evitado.

O automóvel por exemplo depois de inventado pelo homem, caiu na preferência popular e passou a ser objeto de desejo de cada ser humano, sem raça nem credo. Governos do mundo inteiro incluindo comunistas aderiram ao poder de fascinação da máquina, construíram estradas, pontes, instalaram postos de combustíveis a cada esquina onde os carros passam e o cenário se tornou a oitava maravilha do mundo.

Poucas pessoas instigaram se os carros não seriam a desgraça da raça humana, desconfiados se os gases emitidos pelos escapamentos não fariam mal à humanidade.

Por um século, a inteligência humana maquinou a engenharia para segurar a poluição atmosférica usando filtros, catalizadores, combustível alternativo orgânico como o etanol, o hidrogênio e a bateria de lítio.

Cem anos depois, a atmosfera está impregnada de gás carbônico e mal sabíamos que a concentração de gás na atmosfera causaria o aquecimento global dos dias de hoje. Cem anos antes da invenção do automóvel movido a gasolina, era impensável o fim do mundo, coisa atribuído a travessura da molequice.

Cem anos depois da aparição do carro, inimaginável deixar de pensar que a poluição causada pela circulação dos carros está no cerne do aquecimento global, descaminho para o fim do nosso mundo.

Em 2023 o recorde mundial de temperatura média foi quebrado várias vezes, sucessivamente. No verão americana, as temperaturas insistem em marcar a casa dos 40 °C e em São Paulo, o inverno mais quente da história marcou 37,8°C. Essas altas históricas fazem crer

que a temperatura global subindo 1,5°C é prenúncio de catástrofes que já vêm ocorrendo na forma de chuvas torrenciais, inundações, furacões e tornados e derretimento das geleiras glaciais.

A raça humana parece adorar assistir a novelas com final feliz e acha que o aquecimento global é coisa passageira, um El Niño aqui, uma La Niña lá, mas que no ano que vem as coisas se estabilizarão e teremos aquelas 4 estações maravilhosas de outrora.

O aquecimento global não é um fenômeno ocasional; é permanente com claras tendências de se agravar nos próximos anos até aniquilar a raça humana. Não que morreremos torrados, mas o efeito térmico fará dos nossos campos produtivos um deserto e aí plantando nada dará, não teremos mais comidas e morreremos de fome.

Nossa inteligência está em xeque, talvez em estado letárgico para garantir o conforto que os carros nos proporcionam queimando a gasolina.

Para superar a nossa falta de memória, humanos abençoados por Deus criaram um código de assimilação das nossas necessidades e algo pomposo, quase divino ocorreu: a Inteligência Artificial, ou simplesmente “IA”.

UM é uma dessas derivações que, dotado de voz cibernético, é capaz de verbalizar ações para voltar a Terra habitável. Sua voz estrebucha:

"HUMANOS!

PAREM DE SUJAR O PLANETA! "

O mundo daria certo quando pessoas ilustres, ilibadas e humanamente sensíveis assumem o poder de governar. Mas, isso nunca aconteceu e põe rei ali, monarca acolá, presidente aqui, historicamente milenarmente falando nenhum iluminado governou para a Terra.

Em mais de 100 anos, quantos memes se popularizaram gerando alvoroço na urgência de tomada de ações por todos os seres humanos ao mesmo tempo para "limpar" o planeta?

Por exemplo, quando a camada de ozônio que nos protege dos males do sol se rompeu, o que foi que nós fizemos?

Demos sorte e cientistas ilibados por causas humanas logo descobriram que o CFC – Clorofluorcarboneto dos aerossóis causavam a destruição da camada de Ozônio do nosso planeta.

Na balada de um maestro que rege a orquestra, o mundo baniu o CFC dos perfumes e antitranspirantes. A raça humana ficou um pouco mais cheirosa pelas axilas ensebadas, mas o filtro de Ozônio da atmosfera foi preservado por muito tempo.

Agora precisamos descartar os carros que circulam no planeta queimando combustível fóssil, aquele que deriva do petróleo.

Por A + B sabemos que há evidências de eras glaciais assolando a Terra nos últimos milênios, mas nunca se falou em era quente, talvez por dificuldades em achar evidências.

O aquecimento global de que se fala hoje é inédito na história mundial e se junta ao fenômeno do Antropoceno, algo relacionado à atividade e o modo liberal de se viver dos seres humanos modernos. A atmosfera terrestre é formada por diversos gases que faz refletir 2/3 dos raios solares incidentes no planeta. O restante 1/3 penetra na Terra aquecendo todos nós, terras, oceanos e o próprio ar. Sem essa camada de gases, a Terra não conseguiria reter o calor gerado pelos raios solares e a temperatura ambiente cairia para -30 °C, ambiente de difícil sobrevivência para a raça humana.

Sujamos o ar através dos passeios a carros queimando diesel e gasolina, aquecemos os fornos domésticos e industriais emitindo fumaças pretas, criamos nossos bois ruminantes e a própria natureza descarrega o metano no processo de decomposição dos restos orgânicos.

Deus fez o homem imperfeito para ver se sua cabeça e seus braços embrenhariam no esforço para redimir dos percalços da vida, em busca constante da trilha da verdade. Erramos, mas se a cabeça estivesse calibrada, talvez conseguíssemos repensar e recalcular a trilha do bem comum que nos conduziria para o Paraíso, ao pé da letra.

E mais. Não somos sós e temos 8 bilhões de gentes conterrâneos que devem trilhar pelo lado certo da vida, sem pestanejar, incluindo nossos filhos. Na falta de unanimidade, haverá pelo menos a deixa de compensar os dignitários pelos errantes optantes do fim do mundo, ganhando-se uma valiosa contribuição para consertar o erro do passado.

Alguns termos vagos nas nossas mentes devem ganhar consistências para aproximarmos da salvação: sustentabilidade, afeição pessoal e não-materialismo.

A sustentabilidade é a nossa consciência para agir em favor da natureza, preservando-a e agindo de forma ecologicamente correta, limpando seus arredores, fazendo manuseio da terra com processos orgânicos, separando os lixos em inorgânicos, orgânicos e recicláveis, economizando água e evitando desperdícios de alimentos.

A afeição pessoal é o amor para com os outros, filhos, parentes, vizinhos e a humanidade, uma consciência que vem desaparecendo do planeta em função do turbinamento econômico, concentração de riqueza, a nova forma de se relacionarmos via Internet, o egoísmo viralizado e o abatimento da fraqueza humana que se manifesta na forma de *bullying*. O *bullying* já foi responsável por guerra mundial e ainda hoje encaminha para a morte milhares de cidadãos, incluindo muitas crianças.

Somos apegados ao conforto e a força do dinheiro que traz a felicidade demoníaca já mitiga a espiritualidade humana, fenômeno que

abate toda a humanidade, sem exceção. O não-materialismo é a reação humana contra o valor do dinheiro e nos detalhes da vida como redução de consumo de água, luz e comida, via estancamento do desperdício, a negação pela ostentação do luxo e o desapego pelo fascínio do melhor e mais alto, mais rápido ou mais forte.

Sumário

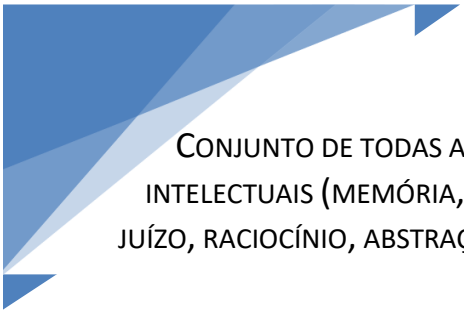
Prefácio II
O Último Caminho da Humanidade 1
Automóvel: O Mal do Século 20
Singeleza e Humanidade Plena 49
Fim da Guerra Moderna: Aquecimento Global sob Controle 62
O Refazer da Mente 86
Microchip, O Encanto do Século 120
Dinheiro, o Mal do Mundo 135
Singapura e Indonésia: Prosperidade a Ser Copiada 166
Terceira e Quarta Idade: o Desafio da Longevidade 178
Bullying, O Maior Mal da Humanidade 214
A Terceira Guerra Mundial e a Ascensão do *Bullying* 239
O Efeito Júlio Cesar 255
Armagedom, Desafio UM 308
ZERO e UM 345
Índice Remissivo por Assunto, Figuras Ilustres e Localidade 350

O Último Caminho da Humanidade

Conceitos:

Inteligente é ser feliz.

Inteligência é a felicidade.



INTELIGÊNCIA

CONJUNTO DE TODAS AS FACULDADES INTELECTUAIS (MEMÓRIA, IMAGINAÇÃO, JUÍZO, RACIOCÍNIO, ABSTRAÇÃO E CONCEPÇÃO).

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL IA

RAMO DA CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO QUE ESTUDA O DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS COMPUTACIONAIS COM BASE NO CONHECIMENTO SOBRE A INTELIGÊNCIA HUMANA.

UM

ENCARNAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL QUE TEM UM ÚNICO PROPÓSITO DE FAZER O PLANETA "FELIZ".

O Último Caminho da Humanidade

Tóquio, 26 janeiro de 2025.

Um terremoto avassalador seguido de tsunami sem igual na era moderna atinge Tóquio. A tragédia derrubou dezenas de arranha-céus e varreu 60% da maior metrópole do mundo. Vítimas? Nenhuma!

Precisos três dias antes entre minutos e segundos da ocorrência do mega terremoto, as autoridades japonesas já dispunham de alertas do maior sistema de previsão de terremotos do mundo que possibilitou a evacuação maciça de 15 milhões de habitantes da Grande Tóquio.

Terremoto é lição aprendida entre os japoneses? Sim, mas agora com a ajuda da Inteligência Artificial, um megacomputador interligado com todos os órgãos públicos incluindo a mídia, polícia, bombeiro, prefeituras, ONGs ligadas a defesa do cidadão e os sistemas de transportes.

O sistema de detecção de tremores é supervisionado pela IA que monitora todos os sinais geológicos 24 horas por dia, 365 dias por ano.

O homem domina a tecnologia de monitoramento geofísico há séculos. Mas, o problema se resume no tempo entre o ocorrido e o atingido, questões de minutos. Na prática, não havia tempo hábil para evacuação. O Japão, há séculos, faz simulação contra efeitos do terremoto e ensina as crianças a se esconderem debaixo de uma mesa. E só.

O Último Caminho da Humanidade

No subsolo de Tóquio, o governo mantém vários abrigos e depósito de materiais de primeira necessidade para a população incluindo água, comidas e leitos para 1.000.000 pessoas, 10.000 bicicletas, 40.000 caixões de defunto.

O RIT, Refúgio Imediato contra Terremotos, não tem interferências humanas; é um sistema autônomo, autossustentado e totalmente automático. O sistema é ativado 3 dias antes de ocorrer o abalo sísmico "confirmado" e acende centenas de painéis à prova de queda de energia, informando o ponto de refúgio mais próximo para cada cidadão. O sistema age em todos os setores que geram deslocamento de cidadãos num determinado sentido, a exemplo de trens, metrôs, automóveis e aviões.

O RIT é programado para evacuar milhões de cidadãos salvaguardando as pessoas contra catástrofes. Basicamente é um sistema de endereçamento do local de refúgio que se tornará um lar coletivo por alguns dias do cidadão, até que ameaças primárias da catástrofe cessem. Os alertas são na forma de imagens, vozes programadas para orientar pessoas podendo ser recepcionadas por aparelhos portáteis como o celular e provisão de transporte para recolher pessoas com deficiência, caso de cegos, surdos, cadeirantes e idosos.

O sistema é à prova de pânico e distribui os alertas de forma a evitar separação de familiares, endereçando os membros a um local seguro comum a todos.

A transmissão do sistema é feita em vozes cadenciadas usando termos comuns a pessoas civilizadas como “por favor”, “benvindos”, “boa tarde”, “mulheres, crianças e idosos têm a preferência”.

O RIT é uma benfeitoria a serviço do cidadão japonês, coisa que causa inveja a cidadãos de outros países que também sofrem com terremotos. Mas, o Japão não é só isso. O país é um dos cinco países mais ricos do mundo, um alto índice de educação, poucos crimes, quase nenhum acidente de trânsito que assola a população mundial. Isso tudo se deve a uma causa: o Japão é um dos melhores países do mundo na distribuição de riqueza entre ricos e pobres.

A distribuição igualitária da riqueza do Japão é coisa recente, assim que terminou a sangrenta guerra mundial. O Japão era dominado por senhores feudais que controlavam a riqueza e desenvolvimento econômico do país, a despeito da estrutura política governamental da época. O derrotado Japão foi ocupado pelo vitorioso exército americano e general MacArthur assumiu o poder. E uma das primeiras medidas impostas pelo governo americano foi acabar com o regime feudal, onde os senhorios foram acusados de financiar a Guerra do Pacífico. Insipientes diriam pequena reforma agrária, mas a destituição dos donos das terras que foram divididas igualitariamente para todas as famílias camponesas do Japão foi a maior distribuição de riqueza da história moderna.

Era o início da distribuição igualitária da riqueza. Fora isso, os japoneses eram aguerridos ao trabalho e o país se moveu para o progresso, reconstituindo um país arrasado pela guerra, em menos de 20 anos.

A descarada pompa de se empenhar no trabalho foi prontamente reconhecida pelos empregadores que retribuíram com salário condizente às mais bem pago do planeta.

A atividade militar também foi proibida e rapidamente as cabeças pensantes do Japão passou para a criação de uma sociedade justa, incluindo a distribuição da riqueza entre a população, a priorização de obras sociais, além da valorização da mão-de-obra.

O modelo japonês poderia ser mundial. Mas, a desigualdade social não é uma pendenga assim que todos querem acabar. Claro, os ricos, os magnatas pedem para ver caveiras e põem políticos para correr. Chame isso de reforma agrária e socialistas insistem que já fizeram bastante, assentando os “sem-terras” em terras devolutas.

O mundo é assim. Terras boas já tem dono. As ruins são usadas para fazer política. Pensa bem: Adão e Eva eram donos do planeta?

“Eu não tenho terra! ”

De ano para ano, novos bebes vão nascendo e todos eles já nascem reclamando: “Eu já nasci sem terra! ”

A cada ano, novos relegados vão surgindo e a cada ano a distribuição de riqueza vai entrando em colapso.

“Não tem mais terra para ninguém”.

Pois, é! A vida não é nem linear e nem tão justa para contemplar todos. Isso significa que, com o tempo, o fim virá. Mas, a razão que

perdure o planeta por muito tempo tem um nome: chama-se distribuição de riqueza entre todos humanos do planeta.

Só temos que nos salvar, enquanto houver tempo. A humanidade precisa raciocinar no tempo, no horizonte de 100 em 100 anos, o tempo que durar uma vida. A geração dos nossos filhos fatalmente estariam se aproximando do fim ou, sem conformismo, partirem para o mote da igualdade para todos, sem revanchismo e sem ganância.

Para começar, nasceu, tome o seu terreno!

O terreno onde moramos não pode ser do capitalista, nem do Estado. Terreno ganho não pode ser comprado e por lei, é usufruto e a posse temporária só tem efeito até a sua morte. Nem serve de herança, muito menos serve para cobrar impostos e nem é bem de aluguel.

Exploração imobiliária, desenfreada alta dos aluguéis, dinheiro parado em nome de investimento, fonte gerador de inflação nefasta, ostentação com construção de palacetes e prédios de luxo, juros exorbitantes correndo solto, crédito com garantia de imóveis, favelas, moradias desumanas e sem-tetos moradores de rua, tudo isso é coisa do passado.

O verdadeiro capitalismo surge sem exploração do dinheiro alheio, sem abismo entre ricos e pobres e a alta de liquidez leva a investimentos em negócios produtivos que faz o país crescer junto com a população mais rica.

Só a isenção do pagamento por aluguéis de imóveis por si só gera liquidez que aumenta o consumo, fator decisivo na prosperidade da economia. O dinheiro retido na forma de aluguéis pagos vai parar nas mãos de investidores virtuais do mundo da especulação, equivalendo à estagnação da economia.

Os ardilosos governos que vivem de cobrança de imposto predial serão estimulados a compensar a “perda” de receita com operações mais eficazes, além de cortar custos desnecessários e ociosos, a exemplo da cobertura dos custos de vales-transportes dos burocratas, redução do vale-alimentação dos funcionários públicos e eliminação do vale-moradia.

Na vida rural, o capitalismo lança mão pesada sobre trabalhadores rurais que são literalmente expulsas da produção de alimentos pela mecanização da lavoura que é muito mais produtiva do que a lavoura braçal.

Em nome da produtividade, milhares de lares rurais são extirpados para dar lugar aos tratores e colheitadeiras que não pedem férias e é mil vezes mais eficiente do que o melhor trabalhador rural do planeta.

Em nome da eficácia, o capitalismo selvagem adotado pelo mundo produtivo aboliu o pequeno lavrador e expulsou-os para a cidade que os acolhiam oferecendo empregos pífios. Essa vinda dos trabalhadores rurais para as grandes cidades chama-se modernidade.

A modernidade impulsionou a economia nos moldes que a geração urbana conhece muito bem, incentivando a indústria, o comércio e

o serviço, sempre sustentando a produção com remuneração chamada de salário.

Neste modelo, chegamos ao extremo da desigualdade entre ricos e pobres. Os ricos, 10% da população, possuem 40% de todo o dinheiro do planeta enquanto os pobres, 40% da população possuem apenas 2% do dinheiro global, distribuição que piora ano a ano.

Com a doação de terrenos a todos os cidadãos do mundo inteiro, em pouco tempo a economia passa a funcionar com 90% ganhando 75% de todo o dinheiro mundial sustentando alguns ricos, 10% da população mundial, os ricos, segurando 25% do dinheiro da face da Terra.

Esse fenômeno de dinheiro concentrado em um único lugar não está previsto nos melhores manuais de economia e, portanto, não se sabe a causa nem como consertá-lo. Mas, dá para entender que, desde o início, as regras já eram desiguais: uns já eram proprietários e a maioria, não-proprietários.

Pelo andar das carruagens, o jogo não termina bem. Nem é preciso explicar o fim do império czarista russo da época do czar Nicolau II.

Os humanos já têm prognósticos de montão e nem precisam elucubrar tanto para descobrirem a origem do problema, leia-se, fim do mundo. A desigualdade social acentuada entre os povos perversamente faz jorrar dinheiro para poucos ricaços e minguar para a maioria da população. Essa permissividade nos condena ao fim do planeta apenas por mais algum tempo, bem antes de ocorrer as primeiras mortes por inanições alimentares na face da Terra.

O Último Caminho da Humanidade

Relatórios de organizações ilibadas do mundo inteiro já passaram a informação a todos os líderes mundiais conquanto 735 milhões de pessoas estão desnutridas e mais de 2 bilhões estão passando por insegurança alimentar, em pleno século XXI.

Autoridades, muitos de caráter demagógico, se sobressaem enviando caminhões e caminhões de alimentos aos necessitados em regime de urgência, mas longe de ceifar o crônico problema de distribuição de alimentos, leia-se localização pontual do necessitado versus local de distribuição, leia-se dinheiro que garante a compra digna de alimentos.

Quando ocorre conflitos regionais, o mundo em lance de rara lucidez humana organiza comboios transportando alimentos para o povo flagelado, arriscando a vida de todos os voluntários. Mas, quando a fome aperta, o voluntarismo se esvai e as pessoas vão primeiro saciar a si, depois a família, por fim, as pessoas próximas.

Na história da humanidade muitos povos foram dizimados da face da Terra por falta de alimentos, quase sempre depois de alguma catástrofe epopeico, tipo aquecimento global.

O problema da falta de alimentos não se inicia na distribuição, mas sim, na produção limitada a terras produtivas e lugares de clima privilegiada. O mundo nem é um celeiro global, limitada a grande parte da China, Índia, Estados Unidos, Brasil e Rússia, todas sujeitas a quebra de safra com alguma regularidade, parte, atribuída a mudança do clima.

O Último Caminho da Humanidade

Alimento faz a humanidade se equilibrar num fio pênsil. O grande mérito recai sobre o capitalismo que move produtores de alimentos no mundo inteiro, na base da mecanização. O sistema oligopólio pressiona o preço de *commodities* a seu favor e comprar alimentos para sustento da população mundial não é tarefa fácil, a séculos.

Mas, a iniciativa privada, composto das mesmas pessoas que tentam comprar alimentos para sustento, dá as caras e um exército de milhões de agricultores independentes estão produzindo lotes pequenos de alimentos para atender consumo local.

A produção independente exige sacrifícios do trabalho braçal, um serviço que exige dedicação integral e superação das dificuldades atinentes incluindo a falta de água, insumos e tecnologia, e o incessante combate das pragas.

A motivação pela iniciativa das hortas comunitárias nasceu da comunidade que sentia a carestia dos alimentos e no gesto de bondade para ajudar pessoas carentes além de gerar pequena renda extra com os excedentes.

Governo da esfera municipal, mais próximo dos problemas da população, incentivam a iniciativa doando terrenos para fins de cultivo comunitário e em várias cidades da América Latina, incluindo São Paulo e Maringá, as hortas prosperaram.

O modelo de descentralização da produção imita o sistema japonês que sustenta a produção independente de alimentos no Japão inteiro. Desde o fim da Segunda Guerra, o governo é generoso para os

produtores assistindo os agricultores com fornecimento de tecnologias de ponta, dando assistência técnica em todas as fases de produção desde a fase da semente até a distribuição ao consumidor.

A lavoura do Japão deve ser a mais mini mecanizada e assistida do mundo inteiro, incluindo estufas com controle de temperatura, automatização de irrigação, desvio de vias fluviais em larga escala para distribuição uniforme da água entre as lavouras, sistema de plantação mecanizada, tratores e colheitadeiras a serviço da mão-de-obra envelhecida.

Governos ocidentais são mais reticentes e quase ausentes na "reforma" agrícola tão necessária para o sustento da população mundial e tão urgente na solução do espreitamento da fome mundial.

O problema dos mandatos definidos por votos diretos tem a ver com a sustentabilidade da plataforma de governo que deve priorizar questões sociais que chamam o voto, limitando-se a ações de curto prazo. Questões atinentes ao fim do mundo pouco importam para a plataforma de qualquer governo. A demagogia é o cerne da questão, relegando a nobreza para o fundo do poço.

E nem se fala em produção local de alimentos por gentes da comunidade abençoadas por Deus, solução salva-mundo que combate a oligarquia, preços altos e inacessibilidade aos alimentos.

O destino do ser humano é incerto, conquanto nem sabemos por onde trilhar. A história recente, coisa de 300 anos, nos dá a mostra do que nos espera considerando a evolução e a involução da mente do ser humano. A marca de Deus que iluminou nossos caminhos já

data de 2000 anos atrás e quase tudo caiu no esquecimento. E o pior, é o retrocesso em busca do caminho das trevas que persuade toda a população.

Aos olhos de um ET, a Terra é habitada por seres estranhos. Fazem guerra entre si, moram num lugar e dizem que vizinhos não podem adentrar seu *habitat*, se cruzar fronteira tem que apresentar "Passaporte" de papel, dizem que o imenso mar tem dono, fazem posse de terreno usando um papel que chamam de dinheiro, ... centenas de muito mais esquisitices que os terráqueos chamam de "modernidade".

Não há glória em um só minuto entre os 2000 anos corridos até os dias de hoje e o que se viu nos relatos de historiadores de elevada estirpe são muita maldade que em nada lembra instinto natural de animais selvagens que caçam para se nutrir.

A história da humanidade é repleta de revoluções, guerras, levantes, vizinhos invadindo vizinhos, ocupação militar com batalhas, conquistas baseadas em massacre, saqueamento e escravização. O motivo dessas barbáries é a unificação do poder, subjugando todos para um único interesse sórdido: vizinhos devem desaparecer antes que tornem ameaças.

Quando lidamos com "vizinho", qualquer uma dessas pessoas que te rodeiam, sejam familiares, balconistas de lojas, colegas de trabalho, coletores de lixo, etc., Jesus nos diz para abordá-las com amor e respeito.

O Último Caminho da Humanidade

“Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas. ” (Mateus 7.12).

Humanamente, não haveria contradição maior se você mesmo gostaria de ser tratado com amor e respeito, então devesse tratá-los dessa maneira também. Valorizá-los da mesma maneira que você valoriza a si mesmo; não sendo desrespeitoso.

E, aonde fomos parar?

Construímos fronteiras e exacerbamos o limite com os nossos vizinhos. Cada vez mais declaramos independentes e queremos distância de nossos vizinhos. A raça e a cor das nossas peles são motivos de orgulho de ser e aviltamos as raças de cores diferentes. Falamos língua específica difícil de ser compreendida por nossos vizinhos que não devem compartilhar de nossas conversas. Até religião é motivo de cercear vizinhos mesmo com adoração ao Deus comum.

Aceitamos diplomacia desde que vizinhos se subjuguem aos nossos termos. Riqueza e disponibilidade de alimentos são motivos de inveja e disfarçadamente é o principal motivo de incitar a guerra. Os países ainda erguem muros quilométricos nas fronteiras para coibir a invasão. Uma megalópole alemã foi cercada de seu vizinho por décadas, separando parentes e amigos tudo por causa de regime de governo.

Criamos bandeiras e broches que os vizinhos devem agraciar e jurar honrarias.

O Último Caminho da Humanidade

Uma vez o mongol Gengis Khan bradou contra cercanias e apoderado do maior exército de cavalarias do planeta criou o maior império de todos os tempos, ocupando quase a metade do planeta conhecido à época.

O Império Mongol duraria 160 anos entre o século XIII e XIV, mas por falta de propósito e a grande diferença cultural e linguístico entre os súditos o legado Khan pela unificação ruiu sem deixar vestígios.

Um outro mega império, o Britânico que surgiu entre o século XIX e XX e entre os territórios descontínuos incluindo Canadá, a Austrália, a Nova Zelândia, a Índia e outros locais dispersos pelo planeta sob seu domínio, constituiria o maior império em extensão territorial do planeta.

O propósito britânico incluiria a colonização, doutrinação, catequização, além da exploração mineral para atividades industriais. As conquistas territoriais se deram pela força e intimidação, subjugando interesses nativos que pressionaria a insurgência.

Os reveses britânicos começaram a ocorrer nas temporadas de guerras mundiais e muitas independências nacionais eclodiram logo após o término da segunda grande guerra. A ocupação britânica deixou às suas ex-colônias legados na educação, política e desenvolvimento econômico e social, o que contribuíram para a emergência desses países no cenário mundial atual. São elas, a Singapura, o Canadá, a Austrália, a Índia e os EUA.

O Último Caminho da Humanidade

O Brasil se emancipou de Portugal aparentemente pelo desinteresse da monarquia portuguesa e pela lealdade da corte pelo seu herdeiro ilustre D Pedro I, o proclamador da independência por amor a brasileiros.

Somos assim, dividindo e se separando de correligionários muitas vezes com a cabeça cheia de interesses pessoais em lucrar com isso. “Se emanciparmos, essa terra passa a ser minha! ”.

Por que o mundo subdivide e todos querem independência?

Grandes nações territorialmente gigantes como o Brasil receiam que suas extremidades sejam invadidas por falta de guardiões ao mesmo tempo em que povos da extremidade ressentem a falta de assistência do governo central.

Manter os povos unidos passam por provas de dedicação e igualdade de direitos, além da coerência no trato de homogeneidade entre povos de diferentes origens, nativos ou imigrantes.

Na América Latina, bastou um presidente de origem tribal da região tomar posse depois de ser declarado vencedor do certame eleitoral e Bolívia passa a sofrer de emancipação em quatro Estados.

Porque temos raça? Por que nascemos pardos, negros, brancos, amarelos ou índios, se o mundo é um só?

Por que somos multilíngues, falamos o que o vizinho não entende?

O Último Caminho da Humanidade

A diferença física e falta de diálogo não instiga a inimizade, com dose para hostilidade, expondo a natureza bestial da raça humana?

Tudo isso seria uma provação?

Há quinhentos anos nascia na Europa o capitalismo burguês para mudar a regra do dinheiro concentrado nos senhores feudais, prometendo a igualdade de riqueza entre todos.

O sistema agrada a maioria da raça humana pelo princípio da igualdade, mas a ganância, que extrapola a qualquer momento da vida do cidadão, é a principal razão de adorar o sistema de “trabalhou, ganhou e ficou rico”.

O dinheiro, a ilusão catalisada nas pessoas boas e más do planeta, consegue ser a razão de vida de todos os terráqueos, sem distinção de raça, credo, idade, sexo ou religião.

A história dos 500 anos de capitalismo pode ser conferida em todos os cantos do planeta, sem ocultamento de fatos e resultados. Considerando 100 o total gasto pelo homem moderno num país economicamente próspera, 10 vão para o esporte, 30 vão para loterias, 22 vão para cigarro e álcool, 4 para fins sociais ou religiosos e apenas 34 para custeio da família.

Os países também arrecadam e 70% da riqueza global estão nas mãos de 10 países mais ricos, enquanto que a África e América Latina, ficam com 4,9% de todo o dinheiro do planeta. O Brasil é o país mais próspero da América Latina e detém 1% da riqueza global, mas

o governo detém quase toda a riqueza arrecadada em impostos e juros mercantis.

Os números da riqueza mundial são impactantes e revoltosos e por muito menos burgueses revoltaram contra senhores feudais para implantar o capitalismo, há 500 anos.

O capitalismo de preço fixo e dinheiro no bolso de gente rica não podia funcionar com ódio de vizinhos e ganância pessoal, coisa de humano.

Na história recente por duas vezes, a raça humana correu o risco de desaparecer. Bastou a tomada do poder por um psicopata rancoroso e cheio de ódio. Aliás, o poder quase sempre tem a ver com gente desse perfil nos países em guerras regionais ou civis que vem acontecendo há milênios e a frágil diplomacia mal consegue redigir a declaração de guerra.

A motivação dessas guerras é esdrúxula, anexação de vizinhos ou expansão territorial, atos insustentáveis para os dias de hoje e nem mesmo nos séculos passados que registram fartos episódios à Gengis Khan.

Países promissores nunca tiveram um líder absoluto e sempre foi e será governado por um representante da maioria, democraticamente. De quem será a responsabilidade de cuidar deste Planeta, governar o lar dos nossos filhos, caso o mundo seja unificado?

A maior esquisitice neste planeta ocorre quando você nasceu terráqueo e você não é dono de um pedaço da Terra. Você será dono do

pedaço da Terra somente quando você pagar em dinheiro o preço do pedaço a um dono, ancestral que comprou o pedaço da Terra.

Quem é dono da Terra a quem devemos pagar pelo pedaço de terreno? Quem é dono da água que bebemos? Quem é dono da energia elétrica que consumimos? Crueldade é a marca da vida e pensa-se que exista um sistema de governo que defende a emergência do fundo do poço de todos os cidadãos. Muitos governos fazem parte da crueldade cobrando impostos sobre água, luz e alimentos, na forma de cinismo puro.

Para garantir um lugar para morar você precisa de mais 30 anos para trabalhar, ganhar dinheiro e comprar o terreno... de um dono!

Ser rico ou ser pobre não é uma questão de encaminhamento na vida. No mundo capitalista, isso já fica definido no momento em que se nasce.

Até na morte consumada, o cidadão recebe as honrarias fúnebres e é enterrado numa cova disponibilizado para o defunto, caso tenha pago. O capitalismo assombra até na morte.

Deus Todo Poderoso criou o homem e disse a ele para curtir a vida: “crescei e multiplicai”, mas, esqueceu de dar a ele o dinheiro. Assim, todos os homens nascem e acham que viver é arrecadar dinheiro a qualquer custo dentro de um princípio de vida chamado “ganância”. Ou será o dinheiro cria do demo, com intenções claras de fazer a Terra explodir?

O poder do dinheiro facilmente destrona reis e dirigentes. Pode também empossar presidentes de grandes nações do mundo. Eliminar concorrentes nunca foi tão fácil com pouco dinheiro. Governar o mundo já tem regra e valor e um pobre cidadão jamais assumirá um cargo de dirigente nacional, onde não será chamado.

Falsamente, muitos regimes de governos do mundo inteiro ainda chamam o seu sistema de democrático com a pompa de eleições de governantes definido por voto popular.

O dinheiro nunca será o marco para o fim do mundo. A revolta dos pobres com falta de dinheiro não será grande o suficiente para destronar os donos do dinheiro. Os pobres podem desaparecer, mas os ricos perpetuarão. Chamem isso de igualdade de direitos.

Automóvel: O Mal do Século

Todos os dias, Hélio pede benção à sua mãe e sai para trabalhar. O garoto de 23 anos é entregador de moto e sai todo dia para buscar sustento da família. Um dia, Hélio se envolve em acidente de trânsito e nunca mais retornou para casa.

Hélio é um dos que engrossa a estatística de morte de trânsito. Só no Brasil, 66.000 pessoas morrem por ano decorrente de acidente de trânsito, a pior marca do mundo.

O governo se esforça, a sua maneira, para preservar vidas no trânsito. Vê-se uma rigorosa coletânea de normas de trânsito, rigor exacerbado contra motoristas infratores, manutenção de rodovias com pintura de faixas, cobrança de impostos para subsidiar causas de trânsito e disponibiliza um enorme contingente para vigiar o trânsito, incluindo os radares automáticos. Mas, em vão.

Ora, os acidentes de trânsito têm causas diversas para acontecer. Sabe-se que a maioria dos ocorridos incrimina a má conduta do motorista que é a forma mais fácil de concluir a ocorrência. Mas, falta de sinalização, pistas em más condições de preservação, defeito mecânico e furo de pneus, fatores climáticos, ações criminosas, falta de experiência ao volante, imprudência, embriaguez e uso de alucinógenos na condução de veículos, além do fator coincidências também são fontes que levam a acidente de carro e pedestre.

O maior culpado de acidentes de trânsito, o homem, é essa raça frágil, sujeito a oscilações no controle emocional, perda de foco com

facilidade quase infantil, desconcentração em relação à complexidade do sistema trânsito-automóvel, descontrole fisiológico que leve a um mal-estar na mesma frequência da necessidade fisiológica de alimentar e evacuar e o pior: seu instinto assassino que faz do carro sua arma.

Em um ambiente de obras sujeito a acidentes e percalços há leis que fazem operários se protegerem a sanidade física e mental através da imposição de uso permanente de equipamentos de proteção individual, como óculos, capacetes, protetor auricular, máscaras contra gases, botas e luvas. No ambiente social em cidades e rodovias repletos de carros, os transeuntes podem ser ridicularizados por parceiros se vestirem a caráter, contra ambiente hostil, como que em guerra. Isso é a cultura humana mundial que nos faz alvo fácil de perder a vida só por estar andando na cidade.

Alguns países cobram dos motoristas, taxas de seguros contra acidente como quem diz: “Bateu, atropelou? Pague! ” Uma vida ceifada vira moeda. No Brasil, um motorista atropelador é conduzido à delegacia de polícia para formalidades, mas pagando fiança arbitrado, não vai para cadeia. Muito antes de o carro causar sua primeira vítima na história automobilística, o potencial de causar dano à população já era equiparado à de uma arma de fogo.

Carros não se desembestam à toa, mas motoristas podem desembestar, simplesmente trocando o freio pelo acelerador em distração. Qualquer trânsito é um campo de guerra urbana.

Automóvel: O Mal do Século

Em 2022, os carros em circulação, na sua totalidade, não eram “automáticos”: dependem da habilidade das pessoas para condução. Essas pessoas são pessoas normais e portadores de carteira de habilitação certificada pelo Órgão de Trânsito do Governo. Mas, qualquer um, num pequeno descuido ou imprevisto, pode causar ou se envolver em acidentes.

Além disso, a própria “muvuca” do trânsito causa tensão nas pessoas que se tornam agressivas ou inertes, ocasionando direção perigosa ou perda de reflexo ou manobra errada que culminam em acidente.

Tudo o que um governo tradicional faz para minimizar as mortes no trânsito, seja campanha de conscientização ou imputação de penas severas aos infratores, resulta em “poucas” mortes evitadas.

Diferente dos motoristas amadores, aos profissionais de volante são imputadas técnicas refinadas de direção de veículos especiais onde se incluem caminhões, bi-trens, ônibus, tratores, guinchos e basculantes. Para esses profissionais atribuir-se-ia a direção segura com zero risco de acidentes incluindo-se as reais situações de riscos aos quais haveriam preparo adequado para se livrarem dos acidentes.

Mas, são eles que causam os piores acidentes com elevado número de vítimas. A razão é a exploração profissional que lhes impõem pesada carga de trabalho, obrigando-os a trabalharem em regime desumano, superando vez e sempre 48 horas de trabalho ininterrupto sem dormir.

Automóvel: O Mal do Século

Senhor José, motorista de caminhão de 50 anos, vizinho da família do Hélio em São Paulo, Brasil, trabalhava numa empresa de transporte de produtos perecíveis. A sua missão era conduzir um caminhão frigorífico carregado de alimentos perecíveis para Montevidéu, Uruguai, uma vez por semana. O percurso de 2000 quilômetros teria de ser superado em 45 horas, com descansos, mas sem dormir, sem revezamento.

Ele contava que era possível fazer o trajeto apenas com estimulantes e remédios para mantê-lo acordado. Cinco dias de viagem extenuante e finalmente em casa, conta ele: dormia três dias seguidos com saco plástico enrolado no corpo para não sujar a cama.

Senhor José nunca se acidentou, mas aposentou precocemente aos 55 anos e a sua senhora um dia confidenciou ao vizinho: “José faleceu. Tinha 58 anos”.

Acidentes com caminhões pesados é frequente, muito mais do que se imagina. E a causa é quase sempre “cansaço”.

Em Maringá, cidade do Brasil, uma gestão administrativa implantou faixa “prioritária” de pedestres, nos cruzamentos de trânsito ausentes de semáforos. Assim, por campanha, os motoristas passaram a dar prioridade para pedestres, promovendo o gesto da gentileza em pleno trânsito. No Japão, a gentileza ocorre nos mesmos moldes de Maringá, por educação.

Dez anos antes, alarmados pelas estatísticas de acidentes de trânsito, a ONU encabeçou uma campanha mundial para que os acidentes fossem diminuídos em 50% em toda parte do mundo. Cinco

anos depois, poucos países conseguiram atingir a meta e muitos países pioraram suas estatísticas, acentuando mais mortes.

Países detentoras de tecnologia de ponta conseguiram desenvolver carros plenamente “automáticos”, melhor dizendo “autônomos” que podem circular sem motorista, cumprir uma rota estabelecida na cidade sem causar acidentes. Os carros autônomos projetados para circular em segurança absoluta, surgem como resposta a “zeração” de mortes em trânsito. Mas, até implementar o plano por completo, o mundo levaria no mínimo 10 anos para poder fabricar os carros “seguros” e substituir os atuais “mortais”.

Urge uma resposta alternativa que o governo brasileiro vai implantar. O governo contrata MZ, alusão a morte zero, um supercomputador dotado de IA – Inteligência Artificial.

O MZ é um supercomputador que recebe informações reais e é dotado de “inteligência” chamada de algoritmo para distinguir dados reais das falsas, de uma forma evolutiva. O computador amadurece e compete no campo da inteligência com os humanos de forma superior, pois é capacitado de auto reciclagem de conhecimentos e possui memória infinita, nunca esquece e assume “imparmente” a lógica do ser humano.

A Inteligência Artificial recebe também a carga emotiva envolvida nas pessoas que interagem no trânsito, seja motorista, passageiro ou pedestre, incluindo a idade dessas pessoas, se idoso, jovem ou criança.

Automóvel: O Mal do Século

O MZ tem capacidade para responder em viva voz a dúvidas e perguntas instantaneamente, até produzir relatório técnico completo, de forma elucidativa e compreensiva a qualquer cidadão adulto.

A primeira grande constatação da IA bate pesado:

"O CARRO É O MAL DO SÉCULO".

O mal do século precisa ser vigiado, controlado, banido. Bem antes de se chegar a esta conclusão, um brilhante prefeito da cidade de São Paulo Gilbert O' Sullivan lançou um projeto de lei para tornar obrigatório a identificação eletrônica com uso de *microchip* em todos os automóveis circulantes na cidade.

O *microchip* seria dotado de GPS instalado na carroceria do carro em lugar inacessível por populares e emitiria sinal de rádio microprocessado permanente permitindo sua localização em tempo real pelo sistema de rastreamento.

Como subproduto, a presença do *microchip* nos carros inibiria a ação de ladrões de carros, o efeito radar inibiria a ação de motoristas na prática de direção perigosa, incluindo os "rachas", por fim reduziria o acidente automotivo.

Mas, pasmem. Por pressão da indústria de multas e de seguros automotivos, a câmara de vereadores vetou o projeto.

Humanos normais e autoridades deveriam compreender melhor as circunstâncias do surgimento do automóvel nos anos 1886. A invenção do engenheiro alemão Karl Benz foi bem-vinda à humanidade. O inventor acreditava que com a sua invenção o homem teria mais

conforto em se locomover, mas sem se preocupar em cobrir distâncias continentais.

O automóvel logo cairia nas graças dos humanos pujantes obcecados em vencer barreiras da distância e do tempo de viagem. Carros que nasciam com capacidade de desenvolver 18 km/h hoje atingem facilmente 300 km/h.

No começo, motoristas eram obrigados a andar com uma bandeira vermelha numa das mãos sinalizando sua aproximação, alertando transeuntes do perigo. E hoje, temos as buzinas.

Embora o carro de Benz fosse movido a motor de combustível fóssil, no começo a preferência era a eletricidade e o vapor. Algum anjo mau infiltrado nas fábricas induziu que os carros fossem movidos a gasolina ou a diesel, poluentes que fazem o mundo sofrer. Magnatas do petróleo também tem braços infiltrados do próprio Satanás.

O carro é o impulsor da prosperidade da modernidade, portanto, não lhe cai bem o título de mal do século...Verdade seria se o pensamento fluísse na demanda de transporte de massa, não do carro transportador de um ignóbil.

O Brasil de 1950 também lança mão na prosperidade caminhando pela contramão do bem maior. O Presidente Juscelino Kubitschek trouxe a fábrica alemã Volkswagen, montadora de carros de passeio em vez de chamar a Mercedes Benz para fabricar ônibus, mais uma vez por influência do anjo caído aqui no Brasil.